



TRABALHO E PROFISSÕES NO IMAGINÁRIO DE UMA CIDADE: SOBRE OS “TIPOS POPULARES” DE LISBOA ¹

Explorar a forma como certas profissões do passado, com um elevado grau de visibilidade, se tornaram verdadeiros símbolos urbanos constitutivos do imaginário de Lisboa, representativas do *ethos* desta cidade, é um dos objectivos do presente artigo. Tais ocupações, integradas num conjunto amplo e variado de figuras, designadas por tipos populares, podem ser interpretadas, de um certo ponto de vista, como uma síntese temática da cidade. Os tipos populares de Lisboa conjugam, nas suas figuras estereotipadas, não apenas traços emblemáticos da cidade que remetem para épocas passadas, cuja divisão do trabalho conduzia a uma organização socioprofissional específica, mas também traços ambientais e culturais que permanecem: o rio que se abre para o mar, as hortas e os campos que a rodeiam, as fontes e chafarizes, os grandes mercados abastecedores de produtos frescos, certas formas alimentares, uma traça urbana particular, algumas festividades colectivas. A análise parte, pois, da dimensão cultural de Lisboa, tanto do ponto de vista da criação e reprodução de símbolos urbanos como da análise de formas de percepção social – privilegiando o enfoque na imagem e representação de um tipo particular, a varina, considerada, ainda hoje, um dos símbolos mais fortes da cidade.

Graça Índias Cordeiro

Décrire la ville n'est pas une activité neutre, transparente, disjointe de la réalité à laquelle elle prétend référer mais une activité structurante qui construit ses objets de discours par la façon dont elle les organise, les catégorise, les situe par rapport à d'autres, les attribue à des voix autorisées ou marginales. Une telle conception de la description appelle une analyse des façons multiples dont différents acteurs disent la ville et contribuent ainsi à la façonner, à la faire changer, à lui donner un sens et une intelligibilité, à construire des pertinences et des évidences qui organisent des pratiques urbaines ordinaires, professionnelles et scientifiques (Mondada 2000: 1).

Cidade: percepções e símbolos

Numa investigação anterior preocupei-me em aprofundar o conhecimento sobre uma cidade particular – Lisboa – a partir de um lugar eleito como

¹ As reflexões apresentadas neste texto surgem no âmbito da minha participação no projecto interdisciplinar *PACO – Projecto para a Análise e Classificação de Ocupações*, UNICS/ISCTE (financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, PRAXIS/PCSH/C/out/175/96 e pelo Ministério da Solidariedade e do Emprego).



Graça Índias Cordeiro

emblemático da sua identidade. O bairro da Bica, enquanto lugar de memória cativo desta cidade, foi o caso escolhido, analisado, etnografado – olhado de fora e de dentro, no presente etnográfico e nas suas memórias. Uma das janelas de observação escolhidas para analisar a intrincada interacção entre esta microlocalidade – um bairro particular – e a cidade mais vasta foram as festas dos Santos Populares que, anualmente, animam toda a cidade, sendo os seus principais protagonistas os habitantes de alguns dos bairros mais antigos. Essa *démarche* permitiu identificar um complexo processo de construção cultural do “popular urbano” que ao longo do século XX tem produzido, no caso de Lisboa e de um ponto de vista simbólico, uma sólida articulação entre certos bairros, certas profissões, certas *performances* festivas e lúdicas, certas sonoridades e paisagens. Esses elementos, em conjunto, definem um sistema simbólico relacionado com uma dimensão “popular” e histórica da cidade (Cordeiro 1995).

Os bairros hoje designados por populares fazem parte dos emblemas fortes de Lisboa – podendo-se, inclusivamente, caracterizá-la como uma *cidade de bairros*, de certos bairros, “históricos” e “típicos”, que simbolizam, na sua modéstia, esta pequena cidade (embora grande, à escala do pequeno país onde se situa). Outros elementos, em sintonia com estes bairros, simbolizam igualmente a cidade: a sua situação ribeirinha, a sua topografia acidentada (as míticas sete colinas), o seu *hinterland* saloio e hortícola, as festas de Junho, o fado e, muito em particular, os “tipos populares”. Embora estes elementos sejam hoje profusamente alimentados e reproduzidos com objectivos turísticos óbvios, a verdade é que eles pertencem a uma história local e a uma cultura urbana particular que ecoa e continua a alimentar a identidade de Lisboa – actualizando, sob formas variadas, certas representações do passado.

Explorar a forma como certas profissões do passado, com um elevado grau de visibilidade, se tornaram verdadeiros símbolos urbanos constitutivos do imaginário de Lisboa e representativas do *ethos* desta cidade é, pois, um dos objectivos deste artigo. Tais ocupações, integradas num conjunto amplo e variado de figuras que normalmente se designam por tipos populares, podem ser interpretadas, de um certo ponto de vista, como uma síntese temática da cidade. Os tipos populares de Lisboa conjugam, assim, nas suas figuras estereotipadas, não apenas traços emblemáticos da cidade que remetem para épocas passadas, cuja divisão do trabalho conduzia a uma organização socioprofissional específica, mas também traços ambientais e culturais que permanecem: o rio que se abre para o mar, as hortas e os campos que a rodeiam, as fontes e chafarizes, os grandes mercados abastecedores de produtos frescos, certas formas alimentares, uma traça urbana particular, algumas festividades colectivas.

Em termos da análise, privilegiou-se o enfoque na imagem e



representação de um tipo particular – a varina – considerado, ainda hoje, um dos símbolos mais fortes da cidade. Duas perspectivas teóricas orientaram esta análise.

Uma, mais sociológica, no campo da percepção social. No interior das cidades podem-se destacar “campos” ou “domínios” de interacção social que influenciam o modo como os seus habitantes estruturam a percepção da realidade social. Na sua dimensão mais pública, onde o anonimato prevalece, sinais exteriores como os de género, profissão ou etnicidade são particularmente importantes para esta percepção e, por conseguinte, para o modo como os indivíduos representam e agem sobre a realidade. Num texto clássico sobre cidades africanas, Clyde Mitchell (1980) identifica três tipos distintos de relações sociais em contextos urbanos: relações estruturais, categoriais e pessoais. As primeiras, baseadas na organização do trabalho, reflectem padrões duradouros de interacção e por essa razão são “estruturais”, no sentido em que se definem a partir do ponto de vista das expectativas criadas sobre o papel de cada um; as segundas desenrolam-se no âmbito de contactos quotidianos superficiais – na rua, nos mercados, nos bares – e baseiam-se em classificações decorrentes de algumas características visíveis, como a cor da pele, o vestuário, a linguagem, moldando o comportamento recíproco em função dessa categorização;² as terceiras são “constituídas pela rede de laços pessoais que cada indivíduo constrói em seu redor” (Mitchell 1980: 71), levando, por vezes, à formação de uma “cápsula hermética” protectora do exterior. São os dois primeiros tipos de relações – estruturais e categoriais – que definem a matéria-prima “de um conjunto de representações colectivas através das quais o comportamento em espaços públicos (...) é inteligível para a maioria dos actores” (Mitchell 1987: 137), contribuindo, no caso em análise, para a sua “tipificação”. Assim, a identificação daquilo que, provisoriamente, podemos designar como “grupos etnicoprofissionais” – no sentido em que há uma conjugação, na sua visibilidade pública, entre traços que decorrem da sua origem ou *background* cultural e o exercício de uma ocupação específica – constituiu um dos passos desta análise.

Outra perspectiva inspira-se no estudo do “simbolismo urbano”. Uma das referências utilizadas provém de Peter Nas (1993, 1998), que define do seguinte modo o conceito em causa:

... a symbol can be considered something – an object, act or other form of expression – representing something else, generally an idea of rather abstract nature. A symbol usually has “a complex series of associations, often of emotional kind” (Firth 1973). An image can be seen as a mental representation of something, as an impression that is often deliberately created (Nas 1993: 3).

² Este conceito de relações categoriais “está intimamente ligado ao de estereótipo, tal como é utilizado na psicologia social” (Mitchell 1980: 69).



Graça Índias Cordeiro

As cidades, como as pessoas, caracterizam-se, entre outras coisas, pelo seu estilo próprio – o seu *ethos*, para utilizar um conceito antropológico. Todos sabemos que não há duas cidades iguais e que cada cidade, para além de todos os elementos comuns que a tornam comparável com outras, se caracteriza – e se identifica – por um feixe denso e imbricado de traços idiossincráticos resultante de factores ambientais, históricos, socioeconómicos, culturais. Para lá das suas características particulares, a tentativa de as tornar comparáveis tem levado à construção de tipologias classificatórias de acordo com dimensões mais geográficas, mais sociológicas ou histórico-evolutivas. Cidades reais/cerimoniais, administrativas, mercantis, cidades-estado, coloniais e industriais (Fox 1977),³ ortogenéticas e heterogenéticas (Redfield e Singer 1954), coloniais e “nativas” (Southall 1961, sobre o continente africano), são apenas alguns dos exemplos que se podem apontar.

No entanto, tais classificações deixam de fora – como não podia deixar de ser – um conjunto de elementos particulares que, na sua especificidade, caracterizam cada cidade. A identificação de *estilos urbanos* e a exploração do *ethos* de certas cidades têm sido preocupações de alguns antropólogos urbanos (Leeds 1994 [1968]; Hannerz 1980; Cohen e Fukui 1993; Velho 1999). Também se podem referir os trabalhos que se enquadram no subcampo disciplinar designado por *ecologia urbana simbólica*, sobre o estudo da distribuição dos símbolos em contextos urbanos, tanto do ponto de vista da sua produção social como igualmente dos seus modelos de distribuição (*distribution patterns*) (Nas 1998: 546); ou, ainda, as análises que, numa perspectiva interdisciplinar de “estudos urbanos”,⁴ se debruçam sobre a dimensão estruturante das descrições urbanas, no sentido de identificar modelos diferenciados de organização e transmissão destas descrições “fundadas sobre categorias descritivas particulares, assim como no seu funcionamento e no efeito que produz sobre a própria cidade” (Mondada 2000: 2).

Deste modo, não são só os contextos de enunciação que são importantes, mas também a dimensão interactiva que lhes subjaz, independentemente de os seus suportes serem visuais, escritos ou orais. Ambas as orientações do estudo sobre a forma como os sentidos e os significados interactivamente produzidos são construídos no interior das cidades se caracterizam por uma grande abertura disciplinar – e essa é uma das razões pela qual se constituíram como fonte inspiradora da presente análise, muito embora esta decorra de uma perspectiva fundamentalmente antropológica.

³ Em inglês, no original: *regal-ritual cities*, *administrative cities*, *mercantile cities*, *city states*, *colonial cities* e *industrial cities* (Fox 1977: 39-157).

⁴ Que integram perspectivas da linguística, geografia, sociologia e antropologia urbanas.



É, pois, na dimensão cultural de uma cidade, tanto do ponto de vista da criação e reprodução de símbolos urbanos como da análise de formas de percepção social, que este texto se detém. A escolha não recaiu numa estátua, num monumento ou ritual festivo, mas sim nalgumas figuras típicas – os tipos populares –, com uma especial ênfase no seu caso mais expressivo: a varina. Essa análise, no entanto, não deixa de ser marcadamente exploratória, no sentido em que especula sobre algumas interpretações demasiado genéricas e abrangentes, que carecem de comprovação no quadro de pesquisas mais focalizadas em actores (indivíduos ou grupos), devidamente identificados e contextualizados.

Migrações e trabalho: grupos etnicoprofissionais e tipos populares na Lisboa contemporânea⁵

A divisão do trabalho é, sem dúvida, um dos eixos estruturantes da vida social de uma cidade – no seu exercício quotidiano, em actividades festivas e rituais, nas hierarquias simbólicas decorrentes de escalas de prestígio, etc. A visibilidade de certos grupos etnicoprofissionais sempre foi um dos traços distintivos da urbanidade particular de cada cidade – e por essa razão, fundamental em qualquer tipo de análise cultural em contexto urbano (Hannerz 1980; Eames e Goode 1977; Gulick 1989).

Em Lisboa, como noutras cidades, a inserção no mercado de trabalho constitui um passo decisivo para a integração dos seus habitantes e, muito particularmente, para a inserção de imigrantes recém-chegados, venham eles do interior ou do litoral, de outras cidades ou de pequenas aldeias, do país ou do estrangeiro. Embora a história desta imigração e da correlata adaptação socioprofissional, através de redes, por vezes apertadas, de parentes e de conterrâneos, esteja, no caso de Lisboa, ainda por fazer, pertence ao “saber comum” que, por exemplo, as mulheres oriundas da região de Aveiro (Ovar, e muito particularmente Murtoza, Estarreja, Pardilhó, entre outros lugares) não só se fixaram maioritariamente nos bairros ribeirinhos de Lisboa e, muito fortemente, na Madragoa, como depressa se especializaram no comércio do peixe e venda ambulante de outros produtos, a ponto de varina e peixeira serem quase sinónimos na gíria lisboeta; ou que os galegos, migrantes bastante pobres, se apropriaram do transporte e venda da água, a ponto de aguadeiro e galego também serem quase sinónimos.

Como estes casos, que inspiraram os renascimentos folclóricos dos anos 20 e 30 – e que fazem parte do património da cidade de Lisboa –, muitos outros terão existido, tendo-se perdido a sua primeira identidade “etni-

⁵ Esta secção retoma partes não publicadas da tese de doutoramento da autora (Cordeiro 1995).



Graça Índias Cordeiro

coprofissional”, por assimilação ou reconversão. Por outras palavras, o *ethos* de uma cidade passa, em grande medida, pela descrição, objectificação e definição das suas “profissões típicas”, desempenhadas por certos grupos sociais que, através da visibilidade do seu exercício, conseguem conquistar um lugar cativo no mapa cultural e no imaginário urbano. No caso da Lisboa contemporânea – embora falte um estudo mais aprofundado –, esta definição parece ter decorrido de um complexo processo de construção simbólica, cuja fixação em torno de um conjunto de imagens e representações teria ocorrido na segunda metade do século passado, quando a cidade conheceu um maior *boom* migratório de gentes, pobres e pouco qualificadas, vindas da província.

Do ponto de vista da organização social do trabalho, Lisboa tem-se caracterizado por uma forte ligação ao rio e ao mar, também ao seu *hinterland* saloio e hortícola, pela sua vertente mais comercial e, sobretudo, pelas suas funções administrativas e políticas, tornando-se uma capital particularmente centralizadora a nível nacional. O desenvolvimento industrial, que sempre foi débil, nunca absorveu muita mão-de-obra. O grosso da sua população activa tem-se ocupado maioritariamente em trabalhos relacionados com toda uma gama de serviços de limpeza, de cuidados pessoais, de segurança, de transportes, de ofícios artesanais, administrativos, de abastecimento. Os vendedores, peixeiras, criados, condutores, costureiras, lavadeiras, artífices, guardas, polícias e militares, moços de fretes, prostitutas, vadios e mendigos, associados ou não a pertenças étnicas – galegos, saloias, varinas, minhotas, negros e negras – que aparecem, com grande relevo, na literatura oitocentista e novecentista, acabaram por levar à criação de uma categoria ampla de tipos urbanos, designados como “populares”, relacionados, na sua maioria, com o exercício de um ou vários trabalhos específicos (Madahil 1968; Mesquita 1903; Dinis 1986; Archer 1939, 1940a, 1940b, 1940c, 1942a, 1942b, 1943 e 1945, entre outros).⁶

Em finais do século XIX, Lisboa assistiu a um repovoamento acelerado dos seus espaços vazios, das suas casas velhas, becos e pátios, por parte de elementos oriundos do norte, centro e sul do país. Estas vagas migratórias que aqui se foram fixando imprimiram uma nova fisionomia cultural, não só aos bairros mais antigos que foram sendo ocupados – muitos deles já em estado de degradação arquitectónica e urbanística – como sobretudo através do espectáculo quotidiano que as múltiplas e diversificadas actividades imprimiam à urbe, alimentando-a, vestindo-a de lavado, limpando-a, enfim, animando o movimento das suas praças e das suas ruas de dia e de noite.

⁶ Atendendo à imensa bibliografia que se pode recensear, sobre este tema, no quadro dos estudos olisipográficos cita-se, a título de exemplo, um excerto da nota introdutória do catálogo de uma exposição iconográfica intitulada “O Povo de Lisboa”, que ocorreu no final da década de 70: “Restringimos o âmbito da exposição ao chamado *povo miúdo*, constituído pelos artesãos, trabalhadores servis, camponeses e pescadores, vendilhões, incluindo vadios e indigentes – que, em Lisboa, representaram sempre uma parte significativa da população, por ser este extracto social o verdadeiro guardião e representante das tradições e costumes dum povo” (AAVV 1978: s.p.).



A imprensa periódica é, sem dúvida, uma fonte particularmente ilustrativa dos ritmos e cores da vida de rua desta Lisboa da passagem do século. A partir de uma digressão através de um *corpus* de notícias que desde finais do século XIX descrevem e reportam as sempre animadas festas de Junho em Lisboa, analisado noutra lugar,⁷ é possível identificar alguns dos lugares e personagens recorrentes que vieram a constituir-se como símbolos desta cidade ribeirinha.

As festas de São João parecem ser, no início do século XX, mais “populares” e “espontâneas” do que as de Santo António, mais confinadas a Lisboa.⁸ Esta popularidade decorre, sem dúvida, da própria história do crescimento populacional da cidade, enriquecida com uma diversidade de imigrantes oriundos das diferentes vilas e aldeias do país e da Galiza que, no período festivo do princípio do Verão, tomava conta do centro da cidade como se do adro de uma igreja de aldeia se tratasse. É o que parecem sugerir as descrições, retiradas de alguns excertos de imprensa da época, destes “grupos de provincianos” que ocupavam o Rossio durante algumas noites.

A “classe ovarina”, por exemplo, aparecia, quase sempre no Rossio, chegando já tarde, depois da meia-noite, para os bailaricos e descantes – de acordo com uma primeira notícia recolhida em 1885: “Formavam-se vários grupos de ovarinas e padeiros, tocando guitarras e improvisando” (*Século*, 14-6-1885). Ao longo dos anos, as descrições mantêm-se, como se pode ler:

... o povo apertava-se alegremente, sem sombras de irritação, bailando por entre as ondas de caminhantes os ranchos de ovarinas e malteses, tangendo os seus harmónios e guitarras braguesas, sapateando o seu fandango e pulando o seu vira (*Século*, 24-6-1895).

As ovarinas, essa classe que tão numerosamente está representada na capital, não deixaram de, com a sua presença, abrilhantar os tradicionais bailaricos nas praças públicas, principalmente no Rossio, praça dos Restauradores, Avenida, mercado da Ribeira Nova e no bairro onde residem, o da Esperança. Pequenos arraiais se improvisaram nas ruas daquele bairro. Ao som de “harmónios”, violas e pandeiros, o vira, a cana-verde, o regadinho, e tantas outras canções populares do norte, dançavam as ovarinas com os trajos característicos e com os moços de padeiros seus “conversados” indispensáveis (*Diário de Notícias*, 24-6-1906).

Nalguns anos, esta “classe” frequentava igualmente o novo mercado da Ribeira Nova, local de trabalho mais próximo do seu bairro:

A véspera de São João correu ontem desanimada no mercado da Ribeira

⁷ Cf. Cordeiro 1995, nomeadamente sobre a metodologia utilizada para a análise desta fonte.

⁸ “A véspera de S. João costuma ser, em Lisboa, a mais animada das três noites em que se festejam os Santos Populares. Assim sucedeu este ano...” (*Século*, 24-6-1929).



Graça Índias Cordeiro

Nova, visto não se haver constituído ali comissão alguma promotora de festejos específicos. (...) Foi a colónia ovarina que não se esquece facilmente das tradições da terra onde nasceu, dos festejos que nas aldeias do Douro e nas margens do Vouga se fazem em honra de São João, que mais concorreu para animar o mercado da Ribeira Nova, imprimindo-lhe a nota característica e alegre que esmalta as diversões populares (*Século*, 24-6-1905).

A associação da “colónia ovarina” a um bairro da cidade – o da Esperança, mais tarde designado por Madragoa – surge claramente nestas notícias. As ruas deste bairro, além de inspirarem notícias de arraiais, marchas e outras festividades, aparecem também como a “pátria” das ovarinas: “na travessa Nova de Santos, rua do Pasteleiro e Guarda-Mor as festas estiveram animadas devido à classe ovarina” (*Século*, 13-6-1910 e 24-6-1910); “festejos tradicionais das varinas à Lapa com todo o carácter” (*Diário de Lisboa*, 12-6-1929).⁹

Saloias, colarejas, malteses, minhotas, também são referidos, mas sem atingirem o protagonismo que a figura da ovarina e, mais tarde, varina, atingia, tendo-se fixado solidamente no imaginário lisboeta. As ovarinas e os padeiros, são, sem dúvida, os grupos que mais vezes aparecem nas notícias. Minhotas e saloias são mais raramente referidas, e as colarejas ainda menos, com a sua venda de flores e outras plantas próprias desta época. De facto, no domínio da pura conjectura, alguns factores terão contribuído para a visibilidade desta classe profissional e sua sedimentação na memória da cidade – um dos quais terá sido, sem dúvida, a repetição do *cliché* jornalístico, que surge ao longo de anos, incansável: a “simpática colónia ovarina com os moços de padeiro e os seus bailes de roda...”.

Qualquer destes grupos migrantes, “grupos provincianos” no dizer dos jornalistas, e muito em particular a sua componente feminina, se inseria no mercado de trabalho de Lisboa associado à venda de produtos frescos, consumidos quotidianamente; qualquer destes grupos se relacionava com um tipo de comércio muito específico e se caracterizava por trabalhar durante parte da noite, fosse no negócio do peixe, comprado de madrugada ainda noite na Ribeira e depois vendido no mercado de peixe ou a pé, em regime ambulante, fosse no transporte dos legumes, lacticínios, etc., dos arredores rurais da cidade para os seus centros de abastecimento, fosse no fabrico diário do pão, no transporte de roupa, fosse em profissões menos lícitas e menos referidas – como a prostituição.

Quase poderíamos afirmar que a cidade se alimentava do trabalho de umas quantas profissões noctívagas que mais exteriorizadamente festejavam

⁹ Como se sabe, a freguesia da Lapa, vizinha do bairro da Madragoa (freguesia de Santos-o-Velho), ainda hoje inclui uma zona muito “popular”, semelhante à própria Madragoa.



estas noites, associando-se ao lazer nocturno da outra parte dos seus habitantes, a população consumidora. O prestígio que alguns destes grupos conseguiram atingir na hierarquia simbólica de Lisboa pode, de facto, constituir-se como um objecto de análise, explicado, em certa medida, por um conjunto amplo de elementos diversos, para além desta visibilidade pública: uma particular relação com o poder político e administrativo, algum poder económico, uma ligação forte à região de origem, uma capacidade de exteriorizar positivamente costumes, trajos, comportamentos...

Em termos de percepções sociais, podemos enumerar algumas das características destes tipos populares: uma marcada presença e visibilidade do elemento feminino, sobretudo ligado à vida dos mercados, na venda ambulante ou na vida doméstica; uma valorização da vida nocturna, por vezes ambigualmente situada entre o trabalho e o lazer – varinas, padeiros, saloias, colarejas, mas também prostitutas, fadistas, donos de casas de comida e de bebida de tipo variado; uma grande proximidade entre o elemento de origem mais ruralizante ou marítimo e o elemento mais urbanizado na comunicação quotidiana estabelecida em torno do comércio alimentar e outros serviços, nos mercados, nas ruas, às portas de casa...

Estes aspectos parecem ser fundamentais no processo de construção da identidade de Lisboa e, muito concretamente, na tipificação de umas quantas figuras representativas da cidade, da sua história, tão largamente usadas e recriadas na própria invenção actual do modelo de festas dos santos populares, e muito particularmente na elaboração dos temas das marchas populares, a partir dos anos 30. A vendedora de rua e, muito expressivamente, a varina parecem incorporar uma ideia – um conceito visual – que se constituiu como um dos emblemas centrais da identidade de Lisboa, estabelecendo um elo simbólico entre uma *origem particular* e um *certo tipo de trabalho*, valorizado, enaltecido e festejado ciclicamente nesta cidade.

Peixeiras, sardineiras, varinas: as raízes de um símbolo urbano¹⁰

Com efeito, os designados tipos populares que se referem, na sua maioria, a vendedores ambulantes ou prestadores de serviços vários ao domicílio, e que povoaram as ruas da cidade em épocas passadas, fazem hoje parte do folclore urbano lisboeta. De entre uma profusão interminável, as ovarinas ou varinas ocupam um lugar de topo na sua hierarquia.

A sua visibilidade, origem geográfica, inserção no mercado de trabalho, práticas conviviais, *performances* gestuais e vocalizadas são, deste modo, alguns dos factores que concorreram para a preponderância simbólica deste

¹⁰ As duas secções que se seguem retomam partes de um texto a publicar (Cordeiro 2001).



Graça Índias Cordeiro

tipo particular, e que se pode explicitar do seguinte modo:

- A visibilidade do trabalho exercido na rua e em outros lugares públicos, como por exemplo nos mercados, semelhante à de outros trabalhos relacionados com serviços de limpeza, de cuidados pessoais, de segurança, de transportes, de ofícios artesanais, de abastecimento ou administrativos;
- A evidência da sua origem geográfica bem expressa, por exemplo, no vestuário e na linguagem, à semelhança do que também sucedia com outros grupos étnicos e profissionais tais como galegos, saloios, minhotas;
- O papel desempenhado no abastecimento da cidade, em actividades relacionadas directamente com o rio e o mar (a associação clara entre a varina e o rio transmite uma mensagem que se sedimentou, pela força da imagem, na memória social da cidade: a varina é a cidade, amante do rio;¹¹ na poesia, no fado, no imaginário, Lisboa é sempre e recorrentemente invocada e amada nos seus atributos mais femininos, contrapondo-se a visão essencialmente masculina do rio Tejo);
- Uma sonoridade particular, evocadora de um passado relativamente recente, e simbolizando um tipo de conhecimento interpessoal, hoje intensamente valorizado. Podemos exemplificar este aspecto com as recordações de infância do maestro António Vitorino de Almeida, que afirma que os sons da cidade eram, há algumas décadas atrás, profundamente estruturadores do quotidiano: “cada hora tinha a sua cor e cada cor tinha o seu som”; de manhã, as varinas anunciavam, com “vozes cantantes e informativas”, o seu pescado – o som mais impressionante das primeiras horas da manhã –, as “donas de casa corriam à janela, acenavam às vendedeiras, estabelecia-se o contacto humano, o comércio directo e individualizado, desde o pregão à compra, passando pelo regatear do preço” (Almeida 1987: 566). A varina, e de uma maneira geral a vendedora ambulante, é alguém que representa uma cidade nas suas múltiplas dimensões sensíveis: traz com ela a alimentação com os seus cheiros e sabores (peixe, fruta, fava-rica, etc.), o mar e o campo, a cor de trajes de outras terras, o movimento, as posturas e jeitos corporais e verbais de uma comunicação forte e, sobretudo, o som forte e inconfundível dos pregões mais gritados ou mais cantados que ecoam para além da vista destas figuras – pregões que têm sido comparados não poucas vezes com esse canto popular lisboeta, o fado. Elas significam a rua,

¹¹ Sobre a associação mulher/cidade, veja-se o texto de Claude-Gilbert Dubois (1989).



a troca, o abastecimento de produtos particulares de uma cidade particular: a comunicação interclassista e intercultural, as manhãs luminosas de Lisboa, o som fresco da sua voz cantada...;

- Uma intensa sociabilidade de grupo, que aliás foi abundantemente descrita, analisada e efabulada por certos *flâneurs*¹² que se deslocavam ao cais e às lotas só para observar os imensos grupos de varinas à espera do peixe,¹³ ainda de noite, assim como foi fotografada pela notável objectiva de Joshua Benoliel.¹⁴

A vendedora ambulante de produtos frescos e muito particularmente a vendedora especializada no peixe, transportando a sua canastra na cabeça ou na anca, constitui, de facto, um ícone com um lugar cativo no imaginário e nas memórias lisboetas. O facto merece algumas considerações.

A propósito das visualizações que permitem uma primeira e genérica identificação de grupos urbanos, é interessante a apreciação que Simmel faz sobre o processo de classificação genérica que decorre do exercício do olhar:

L'oeil révèle à côté de ce qu'il y a d'individuel dans l'apparence de chaque homme ce qu'il y a de semblable chez tous les hommes et cela bien plus que ne le fait l'oreille (...) Il nous est infiniment plus facile de nous former un concept général des gens que nous nous bornons à voir que des gens auxquels nous pouvons parler. (...) On voit évidemment chez un homme bien mieux qu'on ne l'entend ce qu'il a de commun avec les autres. C'est ainsi que la création immédiate de formations sociales ayant un caractère très abstrait et non spécifié se trouve favorisée dans le domaine qu'embrasse la technique des sens par le fait d'être à la portée du sens visuel sans être à la portée du sens auditif. Ce concours de circonstances a fortement contribué à la formation de la conception moderne de "l'ouvrier". (...) avant il leur manquait les grands assemblées et la salle de fabrique. Ce n'est qu'ici, où l'on voit d'innombrables individus sans les entendre, que peut s'élaborer cette haute abstraction de ce qui fait le caractère commun de tous, caractère qui est souvent entravé dans son développement par tout ce que l'oreille révèle d'individuel, de concret et de variable (Simmel 1981 [1912]: 234-235).

Não foi, pois, apenas pelo facto de as varinas se constituírem enquanto colectivo urbano que se tornaram uma categoria urbana destacável. Muitos outros grupos também constituíram estereótipos fortes, na Lisboa antiga –

¹² Sobre este “emblema do olhar moderno sobre a cidade”, inaugurado por Benjamin e Baudelaire, veja-se Lorenza Mondada : “A travers ces auteurs prestigieux le flâneur (...) exprime la liberté de se mouvoir de façon anonyme dans la ville, en observant et en étant observé, mais en n'interagissant pas avec d'autres, en ne s'engageant pas dans des rencontres, en jouissant solitaire du spectacle des rues, des cafés et des vitrines, avec un mixte de curiosité et d'ennui...” (2000: 51).

¹³ A título de exemplo, veja-se a descrição de um passeio pelo Aterro, em Alfredo Mesquita (1903: 115-130).

¹⁴ Joshua Benoliel (1873-1932), um dos fotógrafos que mais imagens e de melhor qualidade nos trouxe da Lisboa da passagem do século XIX para o século XX. Cf. Luís Pavão (1990).



como por exemplo os galegos aguadeiros. A visibilidade extrema destas peixeiras decorria, sobretudo, de um efeito de fascínio que estes grupos de mulheres, protagonistas da rua, suscitavam entre intelectuais e artistas observadores dos costumes citadinos.

O simples facto de estas mulheres se apropriarem quotidianamente das ruas, de um modo extremamente afirmativo, com gestualidades, vozes e modos de comunicar marcantes, chocava e atraía em simultâneo – o que as transformou em “rainhas da rua”, abundantemente descritas, fotografadas, filmadas, retratadas, sobretudo nos séculos XIX e XX.

Mas não é apenas na imprensa quotidiana que elas aparecem. Em inúmeras outras fontes literárias, poéticas, ensaísticas, iconográficas (pintura e, mais tarde, fotografia) a *varina* é uma figura que se impõe no quotidiano da cidade antiga, descrita, invocada, percorrida e, hoje, enaltecida e mitificada.

Podemos citar o texto onde Angel Crespo (1990) sintetiza, tomando como fonte autores representativos da literatura sobre Lisboa, alguns dos temas fortes presentes no imaginário da cidade de Lisboa. Referindo Gustavo de Matos Sequeira, que terá afirmado que “as cidades são mulheres e que cada uma tem a sua maneira própria de agradar”, este autor identifica quatro figuras principais que resumem, como ele diz, a forma particular de Lisboa agradar: alfacinha, saloia, varina e tágide, ou ninfa do rio Tejo. As três últimas são particularmente expressivas. A saloia, herdeira dos antigos camponeses e hortelões dos arredores de Lisboa que com as suas hortas e o seu gado alimentavam a cidade – e que, de certa forma, continuam a alimentar – era uma das figuras familiares que circulava pela cidade, com o seu burrico, vendendo pão, leite, legumes e alfaces, e também assumindo alguns serviços, como a lavagem da roupa;¹⁵ a “incomparável figura da varina”, vendedeira de peixe fresco oriunda da região de Ovar que circulava pelas ruas de Lisboa, que apregoava “com uma melopeia muito característica a mercadoria”, transportando num equilíbrio espantoso e com passos decididos a sua canastra na cabeça, sem utilizar as mãos, “essas Gregas do ocidente”, ou “fontes gentilíssimas da Murtosa” (Mesquita, 1903: 128-9), que se confundem, no imaginário lisboeta (sobretudo dos literatos) com a ninfa do Tejo (tágide).

Vale a pena referir, igualmente, a análise de imagens e fotografias de varinas, produzidas entre 1900 e 1971,¹⁶ que João Oliveira (2001) coordenou no âmbito do Projecto para Análise e Classificação de Ocupações (PACO). Aqui, a representação da varina (e também da profissão) vai variando, desde “senhoras da rua” apresentadas como objecto estético (1900-30), passando

¹⁵ Ficaram famosas as lavadeiras de Caneças, região saloia, nos filmes dos anos 30 sobre Lisboa.

¹⁶ Do acervo de 294 fotografias existentes no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa foram analisadas 88 (cf. Oliveira e outros 2001).



pela sua estilização e recriação folclórica celebrada em festas, canções, poemas e filmes, no período áureo do Estado Novo (1930-60), até uma representação próxima do neo-realismo, como mulheres reais, na sua miséria e dificuldades, o que coincide com o seu progressivo desaparecimento das ruas da cidade (1960-71).

Mas o exercício do *métier* que inspirou a criação desta figura emblemática é muito anterior ao século XIX. Na realidade, e muito embora a peixeira/varina tivesse atraído a atenção dos artistas e intelectuais românticos, que a partir de finais do século XIX a foram definindo como um ícone de Lisboa, as referências às “sardinheiras e peixeiras”, nesta cidade, são bastante antigas.

Mesmo correndo o risco de recuar demasiado, não se pode ignorar uma breve nota no “Sumário” de Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1987), referente a 1551, às “sardinheiras”, “frigideiras” e “taverneiras”; mas mais interessantes são as referências que se podem recensear na extensa literatura de viagens dos séculos XVIII e XIX, descrevendo, não apenas a venda do peixe pelas ruas, como igualmente as “frigideiras” e “assadeiras”, que transformavam a sardinha para o seu consumo nas praças e ruas de Lisboa (Consiglieri e Abel, s.d. : 19-21); ou ainda os álbuns de costumes e trajes que retratam “pescadores” e “vendedeiras de sardinha de Ílhavo”, ou “peixeiras”, “sardinheiras” e “cabazeiros” (Madahil 1986, citado por Consiglieri e Abel s.d.: 23-26).

Na opinião de Francisco Cântio (1940), só pelo terceiro quartel do século XIX é que as varinas começaram a povoar a cidade de Lisboa e, muito particularmente, a Esperança – hoje bairro da Madragoa. Parece, pois, que a varina terá sido um dos tipos mais recentes, nas suas características peculiares, alicerçados numa profissão com um elevado nível de visibilidade – a venda ambulante, não apenas de peixe, como de uma ampla gama de produtos.¹⁷

Embora pertencendo a um passado, ele próprio sedimentar já que enraizado “noutros passados”, a varina é um símbolo urbano do presente, pois integra elementos da memória e da história de uma cidade que dão continuidade ao presente vivido. A percepção do tempo histórico é, pois, uma das dimensões decisivas na definição destes símbolos urbanos, peças importantes das chamadas “tradições urbanas”.

Lugares de sentido nos sentidos de uma cidade

É possível definir Lisboa como um símbolo. Como a Praga de Kafka, como

¹⁷ Aquilo que Carlos Consiglieri e Marília Abel registam sobre a relativa especialização dos produtos vendidos pelas varinas faz, afinal, parte da memória colectiva da cidade: “Quando faltava a pescaria, tudo elas vendiam – criação, fruta, alhos, hortaliça, artigos de retorsaria, chegando a vender o mesmo que as pretas de quinhentos. Das fragatas saíam com carregos de sal, areia, carvão, limalha de ferro. Às portas das fábricas esperavam tijolos, gesso, cimento e, quando nada tinham para vender – pediam” (Consiglieri e Abel s.d.: 32).



Graça Índias Cordeiro

a Dublin de Joyce ou a Buenos Aires de Borges. Sim, é possível. Mas mais do que as cidades, é sempre um bairro ou um lugar que caracteriza essa definição e a fidelidade tantas vezes inconsciente que lhe dedicamos (Pires 1997: 74).

A construção de significados e símbolos partilhados por colectivos urbanos, decorre, pois, não apenas de múltiplos processos de percepção, socialmente construídos no confronto entre grupos detentores de comportamentos distintos, mas também da circulação de discursos, textos, imagens que fazem parte da memória colectiva de uma cidade. As imagens e representações que sobre a cidade se tecem são, pois, negociadas em processos de interacção, desde os mais quotidianos aos mais ritualizados, e contribuem para a definição de uma determinada ordem simbólica, historicamente contextualizada. O “intrincado processo de interacção” que, nas palavras de Peter Nas, define o simbolismo urbano nasce do encontro entre

... the ordinary people in city and countryside, on the one hand, constantly creating their own imagery, and, on the other hand, the powerfull – the elite, and the urban and national administrations – who take care of the “official” symbols. The symbolic order of the city is a negotiated order influenced by all sorts of actors. These may be linked to national, regional and local levels, and range from the government and other formal institutions to informal groupings of an ethnic and professional character (Nas 1993: 5).

A varina, enquanto representante de um dos grupos etnicoprofissionais que em finais do século XIX migraram para Lisboa, veio ocupar um *métier* central na organização social do trabalho desta cidade – e do seu abastecimento quotidiano – com um índice de visibilidade pública elevado. Esta figura, símbolo de uma profissão associada a processos de migração em cadeia de uma região particular, representa também a “ruralidade-litoral” de um país pouco urbanizado. Entre outros possíveis elementos caracterizadores desta figura-símbolo da urbanidade relativa de uma capital de um país essencialmente rural, podem destacar-se alguns que a tornaram representativa da história e do quotidiano de Lisboa: em termos populacionais, os imigrantes rurais e marítimos que constroem a própria unidade da capital, que ideologicamente se pensa e se vê como representativa do país; em termos laborais, o comércio alimentar itinerante, particularmente importante numa cidade com alguns mercados e uma rede de distribuição pouco densa, baseada na venda de rua; em termos de consumo, a alimentação, em geral e, muito

¹⁸ O bacalhau e a sardinha foram, durante séculos, os peixes mais consumidos nesta cidade e, até bem recentemente, a sardinha enlatada foi um dos produtos mais exportados por Portugal.



particularmente, uma das suas bases mais populares – a sardinha;¹⁸ em termos sociais, a convivialidade, o reconhecimento interpessoal, a confiança; em termos sensoriais, o cheiro a mar e a rio, a cor e a luz, os sabores da culinária, os sons e o canto...

Mas a varina – como os tipos populares, de um modo geral – não deverá ser olhada enquanto figura isolada. Insere-se numa cidade particular, com a sua paisagem, as suas instituições, os seus lugares de sentido, e faz parte de uma ordem simbólica, de uma narrativa que inclui outros personagens identicamente tipificados. Assim, é possível identificar outras entidades a ela associadas.

Os mercados, por exemplo, merecem um lugar à parte na história urbana de Lisboa, pela função lúdica e de convívio que desempenhavam como locais de comércio e pontos de encontro onde circulavam bens, pessoas e informação, onde contactavam camadas sociais diferentes, não só da cidade como do seu *hinterland* rural e marítimo – constituindo-se como verdadeiras “unidades de integração”, para utilizar a tipologia de Eames e Goode (1977). Não é por acaso que eles aparecem tão insistentemente como núcleos centrais da festa urbana, na recolha de imprensa feita desde 1865 até meados de novecentos (Cordeiro 1995). Abertos durante a noite, bem iluminados, atraíam pela animação, com os seus cheiros, comidas, danças, músicas – numa vertigem de sentidos devidamente assinalada em textos de várias épocas, como o que se segue:

Havia ali [Praça da Figueira] de tudo: vendedores de pão-de-ló, biscoitos, broas do natal, pevides, amendoim, alfarroba, refrescos, alcachofras, alfazema, alecrim, manjericos, flores naturais e artificiais, assobios, bonecos de barro, moinhos de vento em miniaturas, ventarolas... Em todos os arruamentos da praça se transitava com dificuldade e sob o risco iminente duma pisadela ou de um encontrão. Por todos os cantos uma bulha ensurdecadora, acrescida com o estrondo das bombas de pataco, lançadas brutalmente para o meio da multidão; o silvo agudo dos assobios na boca da garotada, o chinfrim produzido pelos harmoniuns, flautas, guitarras, violas e rabecas; as cantigas populares, a algazarra dos bailaricos e os ditos picarescos e galhofeiros lançados de vez em quando por um grupo mais folgazão. Na ruas próximas e nas janelas muita gente se entretinha a deitar bichinhas de rabear, granadas de diversas cores, estalos chineses e bombas. As tabernas e casas de pasto e os restaurantes regurgitavam de fregueses e os carros eléctricos circulavam a muito custo por entre os grupos densíssimos de multidão (*Século*, 13-06-1903).

“Ranchos” ou “ranchadas” de pessoas acorriam desde os bairros, mas também das periferias, em bandos alegres e barulhentos, e nas suas imediações fazia-se a festa, com bailes e música noite fora. Vale a pena insistir que um dos grupos mais noticiados e que maior visibilidade registava era o grupo das



Graça Índias Cordeiro

“ovarinas” e dos “padeiros”, que chegavam tarde e ali ficavam a animar as festas até de madrugada.

Outra entidade fundamental do imaginário lisboeta, como um dos elementos mais expressivos e determinantes na afirmação da sua identidade, é constituída pelos bairros ditos populares. Situados na parte mais antiga de Lisboa, perto do rio, sobre as colinas ou nas depressões entre elas, caracterizam-se, ainda hoje, por um certo grau de fechamento ao nível da sua vida local. São lugares de intensas sociabilidades de vizinhança, fortes controlos sociais, práticas lúdicas e festivas colectivas, muitas vezes dinamizadas por associações de base territorial (colectividades) que anualmente tentam destacar-se no concurso anual das Marchas dos Bairros, financiado pelo governo municipal; lugares onde a paisagem sonora se destaca pelo afastamento do bulício anónimo dos escapes, buzinas, autocarros, *brouhaha* do tráfego, pela presença dos gritos da criançada, dos barulhos domésticos do interior das casas, pelas conversas entre vizinhas, pelas vozes e passos conhecidos; onde a paisagem olfactiva nos traz aromas de plantas de vasos, da roupa lavada nos estendais, do peixe grelhado no carvão na soleira da porta, do azeite cozido da sopa e dos guisados, longe dos fumos poluentes das ruas mais movimentadas, onde a topografia acidentada nos obriga a subir e descer escadinhas e passeios íngremes; e que são, também, pontos de confluência e encruzilhada das ruas, “símbolo e suporte da experiência urbana” que, nas palavras de José Guilherme Magnani, resgatam

a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas (Magnani 1993: 2).

Bairros, mercados e tipos populares possuem, assim, uma unidade de sentido nas narrativas e imagens que sobre Lisboa circulam, representações que se ligam, de certa maneira, a memórias de quotidianos ainda presentes na vida dos seus *urbanitas*.

Em trabalhos anteriores, o estudo centrou-se na análise do papel desempenhado pelas festas da cidade de Lisboa, durante o Estado Novo, na emergência desta entidade, meio real, meio mitificada, de “bairro popular”. A perspectiva adoptada tentava articular as dimensões da produção cultural e da interacção social, não só através da identificação e análise dos significados atribuídos à festa, como também do seu modelo organizativo, em rede, que conectava o governo municipal com algumas instituições e associações de bairro (Cordeiro 1997). Aí, a unidade de sentido era dada pelo triângulo simbólico que associava cidade, festa e bairro, num processo de recriação da própria unidade da urbe. Aqui, é a figura de um dos figurantes destas festividades que está em causa, numa exploração sobre os múltiplos



significados que lhe estão associados – e que, de uma certa forma, trazem uma profissão e uma origem particulares para o centro das atenções: um símbolo oficial, presente nas inúmeras festividades e rituais de poder que ao longo do século XX surgiram e marcaram a “pequena história” desta cidade.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV, 1978 “O Povo de Lisboa: Tipos, Ambiente, Modos de Vida, Mercados e Feiras, Divertimentos, Mentalidade”, exposição iconográfica, Junho/Julho 1978-79, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- ALMEIDA, António Vitorino de, 1987, “O Som da Cidade”, *Povos e Culturas*, 2, 563-569.
- ARCHER, Maria, 1939, “Tipos Populares: a Porteira”, *Revista Municipal*, 2, 59-61.
- , 1940a, “Tipos Populares: o Ardina”, *Revista Municipal*, 3, 77-80.
- , 1940b, “Tipos Populares: Peixeira”, *Revista Municipal*, 4, 53-56.
- , 1940c, “Tipos Populares: a Criada”, *Revista Municipal*, 5, 49-52.
- , 1942a, “Tipos Populares: o Padeiro”, *Revista Municipal*, 11/12, 67-70.
- , 1942b, “Tipos Populares: os Gangas”, *Revista Municipal*, 13/14, 73-76.
- , 1943, “Tipos Populares: a Lavadeira”, *Revista Municipal*, 18/19, 43-46.
- , 1945, “Tipos Populares: o Engraxador”, *Revista Municipal*, 24/25, 57-61.
- CÂNCIO, Francisco, 1940, *Lisboa de Outros Séculos*, Lisboa, Imprensa Baroeti.
- COHEN, Anthony P., e Katsuyoshi FUKUI (orgs.), 1993, *Humanising the City? Social Contexts of Urban Life at the Turn of the Millennium*, Edimburgo, Edinburgh University Press.
- CONSIGLIERI, Carlos, e Marília ABEL, s.d., *Oh! Sardinha Linda*, Sintra, Colares Editora.
- CORDEIRO, Graça Índias, 1995, “Um Bairro no Coração da Cidade: Sobre a Construção Social de um Bairro Típico de Lisboa”, Lisboa, ISCTE, dissertação de doutoramento.
- , 1997, *Um Lugar na Cidade: Quotidiano, Memória e Representação no Bairro da Bica*, Lisboa, Dom Quixote.
- , 2001, “A la Recherche des Saveurs du Temps: Nouvelles d’une Lisbonne Sensible”, *Recherches en Anthropologie au Portugal*, 7 (no prelo).
- CRESPO, Ángel, 1990, *Lisboa: Mítica e Literária*, Lisboa, Livros Horizonte.
- DINIS, Calderon, 1986, *Tipos e Factos da Lisboa do Meu Tempo (1900-1974)*, Lisboa, Dom Quixote.
- DUBOIS, Claude-Gilbert, 1989, “Villes-Femmes: Quelques Images Fondatrices de l’Imaginaire Urbain”, AAVV, *O Imaginário da Cidade*, Lisboa, ACARTE, 33-45.
- EAMES, Edwin, e Judith G. GOODE, 1977, *Anthropology of the City: An Introduction to Urban Anthropology*, Englewood Cliffs, Nova Jérsea, Prentice-Hall.
- FIRTH, Raymond, 1973, *Symbols: Public and Private*, London, Allen and Unwin.
- FOX, Richard, 1977, *Urban Anthropology: Cities in their Cultural Settings*, Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall.
- GULICK, John, 1989, *The Humanity of Cities: An Introduction to Urban Societies*, Granby, Massachusetts, Bergin and Garvey Publishers.
- HANNERZ, Ulf, 1980, *Exploring the City: Inquiries Toward an Urban Anthropology*, Nova Iorque, Columbia University Press.
- LEEDS, Anthony, 1994 [1968], “The Anthropology of Cities: Some Methodological Issues”, SANJEK, Roger (org.), *Anthony Leed: Cities, Classes and the Social Order*, Ithaca e Londres, Cornell University Press, 233-246.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha, 1968, *Trajes e Costumes Populares Portugueses do Século XIX*, Lisboa, Litografias de Joubert, Macphail e Palhares.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor, 1993, “Rua, Símbolo e Suporte da Experiência Urbana”, <http://www.Aguaforte.com/antropologia>.
- MESQUITA, Alfredo, 1903, *Lisboa*, Lisboa, Empresa da História de Portugal.
- MITCHELL, J. Clyde, 1980 [1966], “Orientaciones Teóricas de los Estudios Urbanos en Africa”, BANTON, Michael (org.), *Antropología Social de las Sociedades Complejas*, Madrid, Alianza, 53-81.
- , 1987, *Cities, Society, and Social Perception: A Central African Perspective*, Oxford, Clarendon Press.
- MONDADA, Lorenza, 2000, *Décrire la Ville: La Construction des Savoirs Urbains dans l’Interaction et dans le Texte*, Paris, Anthropos.
- NAS, Peter J. M. (org.), 1993, *Urban Symbolism*, Leiden, E. J. Brill (Studies in Human Society).



Graça Índias Cordeiro

- , 1998, "Introduction: Congealed Time, Compressed Place; Roots and Branches of Urban Symbolic Ecology", *International Journal of Urban and Regional Research*, 22 (4), 545-549.
- OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues, 1987 [1551], *Sumário*, Lisboa, Livros Horizonte.
- OLIVEIRA, João M., e outros, 2001, "Olhares sobre as Mulheres na Cidade: as Varinas pelos Olhos dos Fotógrafos", *Actas do Seminário: Classificações Ocupacionais e Classificações Sociais*, Lisboa, Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- PAVÃO, Luís, 1990, "The Photographers of Lisbon, Portugal, from 1886 to 1914", *Rochester Film & Photo Consortium Occasional Papers*, 5.
- PIRES, José Cardoso, 1997, *Lisboa, Livro de Bordo*, Lisboa, Dom Quixote.
- REDFIELD, Robert, e Milton SINGER, 1954, "The Cultural Role of Cities", *Economic Development and Cultural Change*, 3, 53-73.
- SIMMEL, Georg, 1981 [1912], "Essai sur la Sociologie des Sens", *Sociologie et Epistémologie*, Paris, PUF, 223-238.
- SOUTHALL, Aidan, 1961, "Introductory Summary", SOUTHALL, A. (org.), *Social Change in Modern Africa*, Londres, Oxford University Press.
- VELHO, Gilberto (org.), 1999, *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Graça Índias Cordeiro

WORK AND OCCUPATIONS IN THE REPRESENTATION OF A CITY: ON LISBON "FOLK TYPES"

The article intends to explore the ways by which certain highly visible occupations of the past have become urban symbols, representing the ethos of Lisbon in the city's imaginary. They are part of a wider complex of stereotyped characters, the so-called "folk types", and can be interpreted, to some extent, as a thematic syntesis of the city. Lisbon "folk types" combine emblematic traits of the city's past – characterized by a specific labour division and professional organization – with cultural and environmental traits that still prevail: the river flowing to the sea, the surrounding agricultural fields, the fountains, the major fresh provisions supplying markets, certain alimentary forms, a specific urban trace and collective festivities. It is thus the cultural dimension of Lisbon which is analysed, on what concerns both the creation and reproduction of urban symbols and the modes of its social understanding. As an example, the representation of one of those "types", the "varina" (still considered one of the stronger symbols of the city) is studied in detail.

Departamento de Antropologia do ISCTE
Centro de Estudos de Antropologia Social (ISCTE)
graca.cordeiro@iscte.pt